



OBJETO DE DESEJO – DESIGN E SOCIEDADE DESDE 1750

FORTY, ADRIAN. TRADUÇÃO DE PEDRO MAIA SOARES. REVISÃO TÉCNICA DE PEDRO FIORI ARANTES. SÃO PAULO: COSACNAIFY, 2007, 352P. BROCHURA (COM CARTELA DE ADESIVOS), 272 ILUSTRAÇÕES
ISBN: 978-85-7503-536-8

Yvonne Mautner

INDUSTRIALIZAÇÃO E DESIGN

Ao ler na contracapa do livro de Adrian Forty (1986), *Objects of desire*, na época recém-publicado em Londres, que os agradecimentos mais calorosos eram feitos a Mark Swenarton, professor de um dos melhores cursos que freqüentei na Bartlett School of Architecture and Planning, comprei-o sem pestanejar. Hoje é lançada sua versão em português, em oportuna iniciativa da editora CosacNaify.

Por várias razões esse livro passou a ser um dos itens imprescindíveis da bibliografia da disciplina – Cultura Material e Industrialismo – a qual Telmo Pamplona e eu, ambos professores do grupo de disciplinas de desenho Industrial, ministramos no Programa de Pós-Graduação da FAUUSP.

Creio que a principal razão de seu excepcional valor seja a clareza com a qual Forty descreve como se dá a inserção do desenho industrial no quadro de continuidade e expansão do desenvolvimento capitalista na Inglaterra.

Com o exemplo das louças Wedgwood, que inicia sua produção em 1759, mostra como as mudanças introduzidas na empresa, visando ao aumento da produtividade, das vendas e do lucro, por meio de novas formas de comercialização e produção, quebraram a tradição produtiva dos ofícios, com a introdução e ampliação da divisão do trabalho, de novos materiais, formas simplificadas e novas especializações, e, entre estas, a do desenhista industrial, necessário para garantir, com o desenho, a unidade e homogeneidade dos produtos a serem colocados no mercado.

O ritmo e a velocidade da produção, impressos a setores industriais tradicionais, como a indústria têxtil, são ilustrados pelo relato da introdução de novas técnicas e maquinário na estamperia. Também aqui os artesãos que gravavam e estampavam em xilogravura são deslocados pela introdução de novas formas de produção: primeiro, as estampas feitas com blocos de madeira passam a ser feitas com placas de cobre, para, finalmente, serem estampadas em um processo contínuo, pela impressão com rolos de cobre. O impacto produtivo produzido pela

substituição dos blocos pelo rolo foi da ordem de 6 para 500 peças de tecido por dia. Nesse processo impôs-se e valorizou-se o trabalho do *designer* de estamparia.

Ao longo dos capítulos do livro, com exemplos e iconografia bem escolhidos, é mostrada a importância da descoberta de nichos de mercado, a diferenciação dos produtos, as possibilidades que novas máquinas acrescentam ao acervo de produtos utilizados no cotidiano, as novas formas de marketing, enfim, tudo o que é necessário para a expansão da produção de mercadorias; paralelamente, a demolição dos ofícios, a perda do controle e do ritmo do trabalho pelo trabalhador, a simplificação das tarefas, possibilitando a degradação dos salários, e entre os novos instrumentos necessários às novas técnicas de produção: o desenho industrial.

É a generalização da eletricidade como fonte de energia, associada aos novos conceitos de higiene e organização do trabalho administrativo e doméstico a trazerem-nos o perfil do desenhista industrial que aprendemos a conhecer a partir do entre-guerras. Equipamentos produzidos para economizar e facilitar a infraestrutura do trabalho e da casa, os quais, de início, apresentaram-se praticamente nus em sua estrutura mecânica, passaram a combinar forma às necessidades mecânicas dos produtos, associando-a aos preceitos de higiene e à linguagem que refletissem sua contemporaneidade.

A implantação do *welfare state* – o estado de bem-estar – e a formação das grandes corporações, por sua vez, abriram o campo do desenho corporativo, o qual, somando *design* de produto ao *design* gráfico, promoveram a identidade de equipamentos públicos, como os de transporte, ou de linhas de produtos e embalagens, como os da indústria alimentícia e de higiene.

Na introdução do livro, Forty comenta ser: “*comum achar que a imagem do design ficaria maculada se fosse associada com comercio (lucro, produtividade), uma tentativa frustrada de higiene intelectual que... obscureceu o fato do design ter se originado em um estágio específico da história do capitalismo e que teve um papel vital na criação da riqueza industrial.*” A criteriosa construção de seus capítulos apresenta as relações congênitas do desenho industrial com a expansão histórica da forma mercadoria e das mudanças nas relações sociais a ela associada, e, ao assim fazer, renova o olhar sobre desenho industrial com o qual geralmente nos deparamos, que se restringe a apresentar, em ordem cronológica, *designers* bem-sucedidos e seus produtos.

É esse olhar que atrai as boas-vindas do livro de Forty às disciplinas de desenho industrial, pois nos permite levantar a questão do desenho industrial em países de industrialização tardia, onde o processo de industrialização, ao contrário dos países centrais, pautou-se pela importação de tecnologia e maquinário, deslocando o desenhista industrial do processo de produção. Isso, por sua vez, suscita a pergunta – se a incorporação da inovação tecnológica ao processo de produção não seria a única forma de abrir espaço para a atuação concreta do desenhista industrial.

Yvonne Mautner

Professora e orientadora do curso de pós-graduação da FAUUSP nas áreas de concentração Habitat e Arquitetura e Design.

e-mail: yvmautne@usp.br